

Eu não sou cantora. Eu canto.

I'm not a singer. I Sing.

Laiana Lopes de Oliveira

Universidade Estadual Paulista

laiana.oliveira@unesp.br

 C.V. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7013763298127974>

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8288-2550>

Andrea Kaiser

Núcleo Hespérides das Américas

kaiser@alumni.usp.br

 Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-3456-3309>

Sandro Bodilon

Núcleo Hespérides das Américas

sandrobodilon@hotmail.com

 Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-2443-2601>

Maria Emília Moura Campos

Núcleo Hespérides das Américas

m.emiliamouracampos@yahoo.com.br

Recebido em: 03/09/2024

Aprovado em: 02/10/2024

RESUMO

A Revista MusiMid presta, neste número, uma singela homenagem a Heloisa Castellar Petri, a Lolô, falecida em 22 de março último. Artista múltipla, transitou por vários gêneros de repertório e estilos: das obras corais tradicionais mais conhecidas, canção de câmara, passando pelo experimentalismo mais radical, com incursões na cultura midiática, como grupo de rock. Colaboradora constante de Gilberto Mendes, Gil Nuno Vaz, Roberto Martins e outros compositores que despontaram ao longo da segunda metade do século XX à atualidade. Também foi fundadora do Núcleo Hespérides - Música das Américas. Segue transcrição da entrevista concedida a Heloisa Valente na série Trajetórias, no âmbito da programação regular do Núcleo Hespérides.

PALAVRAS-CHAVE:

Heloísa Castellar Petri; Canto Contemporâneo; Canções das Américas; Ars Viva; Núcleo Hespérides das Américas

ABSTRACT

In this issue, MusiMid Magazine pays a humble tribute to Heloísa Castellar Petri, known as Lolô, who passed away on March 22nd. A versatile artist, she moved through various genres and styles: from well-known traditional choral works and chamber songs to the most radical experimentalism, with forays into media culture such as rock groups. She was a frequent collaborator with Gilberto Mendes, Gil Nuno Vaz, Roberto Martins, and other composers who emerged from the second half of the 20th century to the present. She was also the founder of the *Núcleo Hespérides - Música das Américas*. Below is the transcript of the interview given to Heloisa Valente as part of the *Trajetórias* series, within the regular programming of the Núcleo Hespérides.

KEYWORDS:

Heloísa Castellar Petri; Contemporary singing; Songs of the Americas; *Ars Viva*; *Núcleo Hespérides das Américas*



Heloisa Petri (foto: Celso Cardoso)

HELOÍSA VALENTE: Hoje tenho o prazer de conversar com Heloísa Castellar Petri, uma das fundadoras deste núcleo. A Heloisa Castellar Petri, também conhecida pelos íntimos como Lolô, é cantora, classificada como soprano e desempenha um importante repertório como coralista. Canta música de câmara desde as mais variadas gamas da vanguarda da música nova e também música popular. Com esta gama tão ampla de participações eu destacaria duas coisas antes de convidá-la a conversar conosco: é uma grande jovem no sentido de que conversa coisas assim como se estivesse em plena adolescência, com o entusiasmo e o vigor da adolescência, com uma trajetória bastante significativa e sem o menor temor de se arriscar ao novo. Esta palavra “novo” parece uma marca que a define como artista e como pessoa. Então, a convido aqui a participar da nossa conversa Lolô, bom dia! Seja muito bem-vinda!

HELOISA PETRI: Obrigada, Helozinha! Estamos aqui juntas, duas Helôs, na Arena...

HV: Pois é! Arena! Duas pessoas que passaram pelo Ars Viva!

HP: Isso: momentos de conexão! Sempre considerando vocês (eu falo vocês, a geração ou quase duas gerações depois de mim) e eu sempre estive ligada a vocês porque também tenho

filhos que também fizeram a mesma coisa... Enfim, o destino nos uniu! Separa de vez em quando ...

HV: Felizmente, não?! Nós já tivemos umas conversas anteriores, já falamos um pouco sobre seu período da infância, sua participação em desfiles de carnaval e sua participação no movimento orfeônico com a presença de Villa-Lobos em pessoa. Enfim, estas conversas nós vamos guardar para um outro episódio, um outro encontro e aqui eu me permito tomar um depoimento seu neste livro aqui que foi por ocasião dos 50 anos do Ars Viva que eu tive o prazer de organizar. Foi um convite do Roberto Martins, o regente desde que o Klaus Dieter-Wolff, o nosso fundador, faleceu. E aos 50 anos o Roberto me convidou para fazer algo... Eu falei: por que não um livro? E aí, dessa parte que inclui uma sala de visitas em que todos os participantes e ex-participantes aceitaram o convite de escrever algo, eu li aqui na página 149 em que você fala o seguinte:

"No final dos anos 1960 fui morar em Santos com minha família. Klaus Dieter-Wolff, já mencionado, já fazia parte de nossas vidas pois tinha sido nosso regente no conjunto coral de câmara em São Paulo antes mesmo de nos casarmos, Milton e eu. Na ocasião do lançamento do LP Ars Viva, fomos ao evento para reencontrar amigos que não víamos desde 1961, dentre eles Gilberto e Willy (entenda-se Gilberto Mendes e Willy Corrêa de Oliveira, compositores). O destino já tecia à nossa volta! Klaus, meu grande amigo, pediu-me que fosse assistir ao ensaio do Madrigal para me inteirar do trabalho que já vinha sendo feito com base nos inéditos desde a Idade Média à vanguarda. A minha primeira reação foi fugir pois só encantamento não bastava. Como já tinha sido seduzida por tudo aquilo que vi e ouvi, voltei no sábado seguinte e nunca mais me desliguei do Ars Viva que passou a ser minha segunda grande família. Os meus quatro filhos, Guga, Sandra, Heloisa e Cláudia, compartilharam de toda essa jornada com muito carinho e alegria."

Aqui em seguida você cita alguns nomes que se tornaram uma referência do Ars Viva e penso que na sua vida pessoal, como: Roberto Martins, o próprio Klaus, Gilberto Mendes, Gil Nuno Vaz, e Ula Wolff que era a grande mestra! Partindo já para essa fase que nós podemos pensar nessa sua trajetória segmentando a partir desse período da década de sessenta até hoje e deixamos os capítulos anteriores para outro dia! Então, se você puder falar um pouquinho mais sobre esse período do Ars Viva pós Coral de Câmara de São Paulo, das obras inaugurais da vanguarda... Antes de você iniciar, eu faço questão de frisar uma coisa: muitos

cantores são acusados de terem uma certa preguiça (Deus me perdoe pelo que estou falando!), de ler partituras e, sobretudo, partituras difíceis, como é o caso da música contemporânea que não segue um traço, digamos... não segue os trâmites de praxe como uma partitura com pentagrama. Segue-se aquilo que a gente chama de bulas e notações muito específicas que são feitas só para aquela obra. Às vezes, temos uma página de partitura e vinte e cinco de explicações! E você, Lolô, você não tem medo disso! Você sempre se arrisca! Então, conta um pouco mais sobre essa estória de cantar essas músicas tão arrojadas no sentido de aprender, de treinar, de técnica... Que é importante também falar da técnica, não é?

HP: Então, esse período que você já citou em que entrei no Ars Viva, a partir de 1970, 71, 72... que foi o auge, quando passei a frequentar regularmente, foi realmente muito chocante no começo porque eu não tinha tanto contato, aliás eu não tinha contato nenhum! Eu ficava no máximo no gregoriano que já era uma coisa complicada na época para eu decifrar. Mas aprendi, resolvi! Quando eu entrei na música contemporânea e a primeira partitura veio às minhas mãos eu fiquei muito chocada! Pensei: acho que não estou no lugar certo. Como é que eu vou fazer isso aqui? Mas era tão destrinchado em grupo com o Klaus e às vezes os próprios compositores que eram locais estavam lá! Foi o caso do Gil Nuno Vaz, cuja primeira partitura que eu ouvi em conjunto quando fomos estudar foi *Gravitando*. O nome já era uma coisa estranha, mas tudo foi decifrado e aí eu comecei a ver que tinha que ter muita intuição, muita sensibilidade e muitas informações técnicas que a gente vai adquirindo. O Klaus dava aulas, ajustava, brigava! Dizia: isto aqui não está bom e brigava, brigava! Mas foi a maior escola da minha vida! Os 10 anos seguidos que eu fiquei lá dentro do Ars Viva, aos fins de semana, foram bastante, foi o suficiente! Aprendi muito! E conheci compositores brasileiros muito importantes que já estavam na vanguarda como o Willy Corrêa de Oliveira e o Almeida Prado. O Gil Nuno Vaz e o Roberto Martins são frutos deste núcleo porque eles compunham para o núcleo! É o que a Rosana Civile faz convidando gente jovem para o (Núcleo) Hespérides, compositores novos, pessoas que querem experimentar. O que é importante nesses grupos e que é uma das características do Hespérides, é desenvolver a vontade e a possibilidade de o compositor ver a sua obra executada por pessoas que já têm uma experiência ou não (têm), mas são competentes e têm um senso comum. Para mim é muito fácil trabalhar em grupo. Eu sempre trabalhei em grupo ouvindo o que as outras pessoas

têm para informar e em troca colaborando com a minha experiência já que a minha formação musical autêntica eu só tive no começo da minha vida.

HV: Mas uma coisa importante também, que a gente tem a destacar dessa sua participação, é que foi num período particularmente muito fértil que começaram os festivais Música Nova como uma maneira de veicular essa música. Vamos ter em conta que os sistemas de comunicação, produção, etc. eram muito diferentes do que a gente tem hoje. Se um público mais jovem está ouvindo o que nós falamos nem imagina isso, não é? E outra coisa também que se deve destacar era o período em que a gente vivia: o sistema não era tão democrático, dizendo de uma maneira mais suave! Mas esses professores se tornaram professores de universidade. O Willy e o Gilberto na USP e o Almeida Prado na UNICAMP! O pessoal sediado aqui em Santos! Estou falando aqui, porque estou falando de Santos onde eu moro! Então esse risco para o novo aparece até nos textos dessas parcerias do Gilberto Mendes com o Haroldo de Campos, o Augusto de Campos e o Décio Pignatari, que sempre mencionam "saltar para o novo" e "risco", e a gente - eu digo a gente porque eu participei mais na década de 1980 por pouco tempo - percebia sempre essa atitude do risco do novo, do desconhecido, de explorar coisas que as técnicas convencionais não davam. Então eu acho que pessoas como por exemplo a Ula (Wolf) foram fundamentais, porque ela (Ula) também era assim. Ela cantava a Sequência III do (Luciano) Berio. Para quem não conhece, essa música explora recursos vocais que estão além da voz empostada. Então me parece que essa inserção que você teve no Ars Viva encabeçado pelo Klaus, que a gente lamenta ter ido embora tão cedo, preparou o campo para isso: para depois outros compositores te convidarem e saberem que você topava qualquer parada que tivesse dificuldade técnica e que isso não seria um problema. Também, roubando a sua palavra mais um minutinho, quantos compositores vieram para o Festival (Música Nova) com composições próprias e as ensaiavam com o Ars Viva: Carles Santos, Yehuda Yannay... quantos foram, né? Eles mesmos passavam o ensaio da obra deles. Ou de outrem. Eu me lembro que o Carles Santos estava na casa do Roberto Martins para fazer um ensaio lá. O Roberto se atrasou e ele começou a ensaiar com a gente algo medieval, não me lembro se era a Missa de (Guillaume) de Machaut. Então, continuando essa nossa conversa, eu gostaria que você pudesse falar um pouco mais do que não está nos livros aqui: dessa experiência de cantar coisas de compositores vivos nacionais e também, já emendando um pouco no Hespérides, desses compositores que você cantou

após sua entrada como uma das fundadoras do Núcleo. Se você puder, fale também sobre o que foi entrar nesse grupo como fundadora.

HP: Então... Na realidade é um caminho muito bem traçado. Eu não tive um choque. Eu saí dali e já estava acostumada. Eu já tinha um acervo de músicas: da música clássica, da música tradicional, da música contemporânea europeia, da música do século XX, toda aquela gama de trabalho, porque eu nunca parei e várias coisas que se encaixavam. Eu procurava... não procurava: aparecia, eu entrava e gostava. Uma pessoa do grupo me ofereceu um estágio em outro lugar, que foi o caso da Naomi (Munakata). Eu a conheci quando ela tinha 16 anos. Depois eu me afastei um pouquinho. Quando ela voltou, me chamou para fazer parte do grupo Farrambamba que ela teve, também um grupo experimental que fazia muita música brasileira e muitos arranjos. E sempre a gente se destacava fazendo um solinho e aprendia a fazer essas coisas. Daí para passar para o Hespérides não foi nada difícil. Aliás, no Hespérides eu já estava bem assessorada, com bastante arquivo e junto com a Rosana (Civile) já. No Theatro Municipal a gente trabalhava música de Câmara. Fazíamos muita música do século XX de compositores estrangeiros da Europa, das Américas mesmo, descobrindo a música canadense, enfim, toda essa coisa. Aí a Rosana, como sempre visionária maravilhosa que percebe que aquilo vai dar certo, reuniu um grupinho no Coral Paulistano. Estava uma crisezinha, não me lembro do que foi e ela não teve dúvidas: conversou com o Samuel (Kerr), fizeram lá uma maluquice e conseguimos fazer uma seriezinha de música de câmara com os cantores, principalmente do Paulistano. Então começamos a pesquisa de repertório sul-americano, que sempre cai no Ginastera, Guastavino... esse pessoal da América do Sul maravilhoso. México, fomos pegar muita coisa, americanos e canadenses. Antes de ser Hespérides, começou esse pequeno grupo. Fizemos um programa "Canções das Américas", muito interessante, com piano, com violão, a capella... o que desse ali a gente fazia. Então (a Rosana e eu) começamos a ficar parceiras de verdade. Aí ela me falou: vamos concretizar essa nossa maravilha? A família dela, o Rodolfo (Civile), todo mundo ajudou a pensar. Foi uma beleza! Aí surgiu o Hespérides. Eu já estava no caminho, né? O Hespérides para mim é como se eu tivesse mudado de um bairro para outro, sabe? Saí de uma cidade linda como Santos, eu entrei aqui em São Paulo e apareceu o Hespérides, que é um Núcleo de grande atividade mesmo e estou aqui até hoje. Ganhei algumas peças para fazer, enfim... um pessoal incrível! Somos... o núcleo fundador mesmo é... vou começar pelas meninas: a Rosana Civile obviamente, nossa "Mussolini", a nossa

chefe, que manda ali. Andrea Kaiser que eu já conhecia de longa data, antes de ela ir para a Europa e voltar, uma menina também dedicadíssima à Música Contemporânea e Música Renascentista também – ela fez muita coisa bonita, pesquisas, barroca, aquela coisa toda. Andrea... super versátil. E nessa altura convidamos o José Antonio Soares, grande barítono, um grande artista, um menino maravilhoso, interessante, que pegou a ideia. Eram dois sopranos e um barítono. As duas sopranas nunca brigaram, viu? Eu juro por Deus: a gente nunca brigou. De verdade! (risos). A gente sempre se ajudou pra caramba, porque uma precisava da outra. Cada dueto que davam para nós duas... era terrível! Tinha que ter muito amor (risos), muita conexão! E temos até hoje. Andrea, eu a chamo de “a nossa musa do Hespérides”. O Rogério Wolf, aquela criatura incrível, flautista emérito; Paulo Porto Alegre, a alegria da coisa, quer dizer, é um Porto Alegre mesmo, uma pessoa que sempre nos trouxe um humor, ai... dava “bercinho” para a gente, era uma coisa incrível. Zito, o poderoso Zito, Joaquim Abreu, o Zitão que carregava toda a infraestrutura e tinha um repertório maravilhoso para oferecer para a gente fazer nesse grupo, porque a gente tinha que fazer coisas que coubessem na formação. Então o Zito ajudava. Ele já tinha uma parceria grande com a Andrea, foi muito fácil. Paulo Porto Alegre fez peças para a gente do grupo e Antonio Ribeiro, que estava despontando na sua maravilhosa vida profissional.

HV: ... ou seja, agora o Hespérides, esse pequeno grupo é uma OSCIP. É uma organização que já tem mais de 30 pessoas, inclusive eu...

HP: Ah, desculpe! O Mannis! O José Augusto Mannis foi vital, porque ele fazia toda a parte de Eletroacústica.

HV: Professor da UNICAMP também. É muito interessante esse vínculo entre os artistas que tocam a música nova no sentido de estreias ou nova no sentido de desconhecida, esquecida, relegada etc. e projetos de Universidades e que acabam integrando a própria estrutura curricular. Nós não falamos, porque não está nesse naipe, mas temos que dar crédito também ao Maestro Olivier Toni que foi quem começou muitas dessas coisas. Isso precisa ser dito e isso está na gênese desses trabalhos. Pessoas trabalhando na UNICAMP, na USP e outras universidades. É o caso do Mannis coordenando o CDMC - Centro de Documentação da Música Contemporânea. Isso tudo meio que retroalimenta a produção, traz programas novos, projetos novos que se transformam em concertos e coisas assim. Então, se você pudesse também falar um pouquinho do que resultou como produto, digamos

assim, discos, vídeos... Sócios fundadores nós temos vários nomes que você já mencionou acho que todos, e beneméritos estão aqui: Ailton Escobar, Flo Menezes, Gilberto Mendes, Kilza Setti, Lutero Rodrigues, Rodolfo Civile Filho, Samuel Kerr, Willy Correa de Oliveira e os que entraram depois. Se você puder falar algo sobre essas produções que se transformaram em discos, outras produções, antes da gente passar para outra faceta de sua trajetória artística...

HP: Olha, então, aí o trabalho começou, sempre muito sério. Divertido, amigo, querido, mas com uma seriedade, com um objetivo de realmente mostrar ali o panorama das Américas. Não só da América Latina, mas de todas as Américas, inclusive do Brasil. Já tínhamos um acervo, já com uma certa experiência de concertos, de apresentações, de masterclasses, coisas assim que apareciam para o pessoal fazer lá na própria Escola Municipal (de Música). O período que a gente aproveitou muito foi quando o Henrique Autran Dourado era o diretor (da Escola Municipal de Música). Ele que nos acolheu ali. A maior parte dos componentes do Hespérides original já pertencia à Escola, já eram eméritos professores lá dentro! O José Antonio (Soares), eu e talvez o (José Augusto) Mannis que estávamos chegando lá dentro da Escola, mas os outros todos já estavam ali agregados. Então o Henrique gentilmente e com generosidade nos proporcionou um local de ensaio fixo, porque precisávamos para fazer um trabalho desse. Quase toda quarta-feira nós estávamos lá, chovesse ou não chovesse. Era tudo programado para proporcionar aquele espaço gratuito para a gente! A gente só oferecia (em troca) concertinhos, às vezes nas apresentações mensais da Escola. A gente aproveitava e fazia um ensaio geral, uma coisa assim. Eu acho que não podemos deixar de citar o Henrique que foi quem abriu os braços para que o Hespérides tivesse um local, porque a gente não tinha uma sede, e não tem até hoje! Agora vai ter lá com a Rosana (Civile) em São José dos Campos - o Núcleo Civile, maravilhoso! Então eu acho que...é isso. Não sei se eu fugi de alguma coisa que eu tinha de falar...

HV: Não, não fugiu não! Vamos falar das gravações.

HP: Isso! Aí, quando já estávamos preparados e já tínhamos repertório suficiente para montar um CD com um trabalho já concretizado, fizemos o primeiro CD – “Luminamara” que recebeu esse nome de consenso, porque era a música que o Antonio Ribeiro fez

exclusivamente para nós ali, usando os recursos vocais e instrumentais do grupo total. E foi muito, muito gratificante! Esse CD era de autores variados. Não tinha só um autor como o outro que a gente fez depois, do Radamés Gnatalli. Era um pot-pourri, vamos dizer assim. Um tutti-frutti! Uma coisa linda de todo o material recolhido pelo grupo nesses primeiros anos de trabalho. Nesse eu tive o carinho do Hespérides de permitir a felicidade de ter uma faixa... três faixinhas que fazem parte de um ciclo de canções que o Luiz Gustavo Petri, meu filho, o Guga, fez para mim, fez para nós. Essa música já existia um pouquinho antes, porque ele havia feito para o grupo que eu já tinha com a Rosana. Era para a Rosana, para mim, e era com oboé, que o (Alexandre) Ficarelli tocava. Eram as 3 *Gacellas*, com texto de Garcia Lorca.

Quando foi para fazer com o Hespérides, nós tivemos que pedir para mudar o instrumento, porque não tínhamos oboé naquela época. Então ele permitiu e, como tinha o Rogério (Wolf), o Guga passou a bola para o Rogério. Eles se ajustaram, a gente fixou e gravou essas 3 peças maravilhosas que são muito bem feitas e muito carinhosamente feitas para a gente. Todas essas coisas, a Rosana sempre perguntava. Lá nunca fizemos nada forçado! Ela perguntava: "Isso aqui está bom? Vocês querem? Quem vai, quem fica?", e você tinha a liberdade de dizer: Olha, Rosana, desta vez esse eu não quero, não dá para mim!. A Andrea teve várias coisas feitas para ela também. O segundo CD foi de Radamés Gnatalli. Era o centenário do Radamés, e o Paulo Porto Alegre, que havia sido aluno dele, tinha um contato muito grande. Fizemos um projeto que foi aprovado, e lançamos um CD duplo, maravilhoso, em que nós, cantores, tivemos direito a 2 faixas cada um, para mostrar a parte de canções do Radamés, que é lindíssima, muito interessante com os arranjos e coisas autorais mesmo que ele fazia. Muito bonito! E o terceiro foi o *Sons das Américas*.

HV: Gostaria que falasse um pouco do compositor Aylton Escobar e da obra "Vértebra"!

HP: Aí concretizou-se mais um sonho da minha vida! Porque em 1984 eu estreei essa peça do Aylton com uma linda dedicatória apesar dele não tê-la escrito para mim. Quando eu a apresentei pela primeira vez, na coxia ele foi me cumprimentar, pegou minha partitura e fez a dedicatória para mim. Foi uma honra maravilhosa! E essa peça eu apresentei muitas vezes! Um dez vezes com grupos diferentes. A primeira vez foi com Beatriz Roman - nossa grande, querida e inesquecível Beatriz Roman - e com o grupo Sala 5, que era do Theatro Municipal (de São Paulo), grupo dos percussionistas. Alguns já partiram, outros até hoje

tocam... Era um grupo maravilhoso, permanente e que tinha este nome porque eles ensaiavam na sala número 5 do Theatro Municipal. Depois fiz com Maria José Carrasqueira ao piano. E também na Unesp com (John) Boudler várias vezes em substituição à Martha Herr que teve que viajar e então me convidaram para fazer as vezes da "Vértebra". E estreamos no Festival de Campos do Jordão, em 1984. Então, a "Vértebra" para mim era uma coisa que já estava em mim, era a minha vértebra, era o meu eixo! Com a beleza da música, a especialidade.. e que me deu prazer em destrinchar! Hoje em dia é que eu descobri o grande lance, depois que nós a gravamos no Hespérides para ficar oficial, depois de tantos anos! E o Aylton sempre esteve presente! Na maior parte das vezes foi ele que narrou. Quando ele não estava presente, ele mandava a fita magnética gravada para a gente. Quem ajudou, muitas vezes, foi o Mannis, que era o engenheiro que ajustava. Sei que tem uma gravação no Museu de Imagem e do Som , com a Maria José Carrasqueira, desta vez, e com o grupinho dela. Os percussionistas, se não me engano, eram quase todos da Sala 5 ainda. Veio a modificar quando eu fiz com o Hespérides que foi esse grupo maravilhoso de percussionistas que participaram tendo como chefe o Zitão (Joaquim Abreu) que escolheu a dedo as pessoas incríveis! E Rosana (Civile) passou a ser a nossa pianista-mor! Esta está documentada e sacramentada! Do Aylton eu tenho, neste terceiro disco, esta grande incumbência! E esta honra de ter feito no Estúdio dos Lagos do Zito! Então, foi tudo bonito! Foi uma gravação linda!

HV: Privilégio, não é? A palavra é privilégio.

É um nome enorme, um nome maiúsculo da música, e também professor na USP. Então eu vou fazer uma propaganda aqui porque eu sou muito afeita a essa ligação pesquisa/produção artística, ela me parece muito boa. Eu posso dizer que o professor Toni (Olivier) era sempre meio rabugento, mas eu não posso negar, porque também a Escola Municipal de música foi criação dele, não é? Então, o Toni está aí meio por trás de tudo. A gente tem que reconhecer! E a Rosana, ela sim tem que dar um depoimento para o Trajetórias, com toda urgência!

HP: Aliás, ela precisa fazer uma entrevista. Eu estou contando essas coisas, às vezes ficam assim picadas, porque é muita coisa, é muita energia boa, é muito conhecimento. Esse grupo foi assim, o que faltava. Na Música Antiga sempre tive os meus grupos mais ou menos ajustados, aquilo nunca saiu. Teve o "Quatro Cantos" durante oito anos! Tivemos o "Quatro

Cantos" que a gente deitou e rolou a música *A capella*, música com instrumentos... Fizemos música sinfônica, barroca, tudo enfim! Foi tudo bem feito, cada um na sua faixa!

HV: Se a gente pudesse pensar numa espécie de uma cronologia, como eu disse, desprezando com muita pena sua pré-adolescência, infância, e fica pra um dia já prometidíssimo em outras circunstâncias, então parece que nós temos assim: década de 60 meio uma formação com participação nas canções brasileiras mais tradicionais não é?

HP: Década de 1960, não! 60, só no final!

HV: Isso! Na década de 1970 a gente já está pensando nas grandes vanguardas, nas estreias. E aí até mais ou menos 2000, onde 2000 a gente já chegaria no "Hespérides das Américas". Então, espero que haja outras possibilidades de retornar aos temas! Há outras coisas em pauta, mas a gente já está tentando concluir. Então eu vou deixar duas coisas (nós temos em torno de 5 minutos mais ou menos): uma espécie de considerações finais e, como eu tive o privilégio de ouvir você falar antes, eu acho que você pode deixar aqui para quem for ver esse vídeo a sua participação como roqueira com o Guga, o Luiz Gustavo Petri, seu filho, um grande músico, um expoente. Eu já falei com ele também e ele vai em outra entrada! E essa experiência de ter ido às alturas, para a gente terminar com uma experiência inusitada, única? Se você concordar, fale o que quiser pra concluir.

HP: Está bem! Então eu vou concluir! Primeiro, eu já vou até agradecer tudo isso que aconteceu hoje! Que para mim, na minha idade, na minha conjuntura, afinal dentro dessa pandemia, tudo isso que a gente está vivenciando, a gente esquece, até esqueci... Esse momento em que estava falando, nem me lembrei... Agora que caiu de repente: Eu só tenho que agradecer todos esses anos, todas essas oportunidades! E vou terminar, Helô, contando qual foi o ponto alto da minha vida, da minha carreira artística. Esse ninguém tira! Não tem crítico, não tem nada, não tem ninguém que vai dizer que não existiu e que não foi sensacional: Quando eu já estava morando aqui em São Paulo mas tinha contato com o Ars Viva ainda, o Roberto Martins me ligou, e falou: Olha Lolô, vai ter uma comemoração dos 100 anos do corpo de bombeiros de Santos, e eles querem fazer um Show Aquático, mas querem que uma cantora cante, e eu sugeri você cantando a ária da Bachiana nº5. Uhum, Uhum... Eu fiquei desesperada e falei: mas como que eu vou? Você vem para cá e vai fazer

um ensaio com os bombeiros! Eu falei: Roberto, eu tenho medo de altura! (ia ser a 25 m de altura, por isso que eu falo que é o ponto alto!). Eu falei: "mas eu tenho medo de altura!". "Não, mas você vai ter uma faixa de aço e um bombeiro vai ficar abaixadinho na caçambinha te segurando! Não tenha medo"... Enfim, eu fui! Ensaiei! Quase morri por que eu ensaiei no seco, na cidade, no centro da cidade. Então quando ele levantou a caçamba eu vi a cidade inteira, e a caçamba balançava, e eu lá. Aí, chegou o dia do espetáculo e foi uma noite maravilhosa. Se eu não me engano foi em outubro, eu não sei se foi essa data, mas foi no fim dos anos 80! Eu sei, porque eu já tinha dois netinhos lá, morando em Santos, e eles assistiram a avó toda prateada subir dentro de uma caçamba. Foi no Gonzaga, no começo da Ana Costa, que era um pedaço do Gonzaga maravilhoso, e como era uma coisa oficial com a prefeitura e tudo, aconteceu que eles apagaram todas as luzes da Praia. Todas! E pediram para os prédios apagarem também. Então eu fui subindo, fui subindo no carrinho! Tocando música... Eu cheguei lá em cima aos 25 metros de altura, sufocada de emoção! Só tinha estrela, só tinha estrela... Aquele horizonte negro do mar, mas que tem aquele brilho... é uma coisa! Nunca mais vou esquecer isso! Apesar de eu estar meio de lado, dava para ver tudo! E o show de águas lá tocando e eu naquela aflição! Porque eu tinha que fazer a capella as Bachianas. O vocalize só, eu só cantei a parte do vocalize mesmo! Menina do céu, não é que eu tinha que dar o tom para mim e eu fiquei tão nervosa que eu dei um tom acima! Por certo eu estava tão alta que eu achei que aquele era o tom. Depois eu só pensava: por que está tão difícil cantar? E cantando, cantando... Aquilo soando... era tudo amplificado... foi lindíssimo. Foi mesmo! Quando eu descii, o Roberto falou: "como que você conseguiu cantar? Você estava um tom acima". Ai meu Deus! Pois é, mas já tinha ido. E meus netos estavam embaixo quando eu descii, e o mais velho falou: "foi você? É você mesmo, vovó?" "É, sou eu mesma!" E foi assim, o ponto alto, porque foi lindíssimo, foi uma sensação que eu tive de que eu estava realmente dentro de uma bolha prateada. Foi muito lindo tudo! Então esse foi o ponto alto da minha carreira! E o mais bonitinho: saí de lá, a produção me levou até a rodoviária, peguei um ônibus, e vim embora para São Paulo completamente biruta, fora de mim de ter acontecido aquilo tudo. Então é isso aí!

HV: Bom, essa é uma experiência que acho que só corrobora aquilo que eu falei no início. A essa altura a gente estaria pensando, usando os termos que convencionalmente dizem por aí: já seria uma senhora ingressando na terceira idade tomando uma atitude plenamente de jovem, de rapel, dessas coisas *Bungee Jumping*, que se atira das coisas, quer dizer, com

acrofobia, aceitou o desafio de cantar Villa-Lobos nas alturas, com os netinhos lá embaixo, com roupa prateada. Então, quer dizer, risco é pouco, risco está na ordem do dia. Faz parte da sua vida cotidiana. E a gente começou falando um pouco do Villa-Lobos, cantando a coisa mais tradicional, que seria o canto orfeônico, coisa mais quadradinha, e segundo alguns até meio mal vista, por que ela estaria ligada a certos contextos sociopolíticos, etc... e de repente a "Bachiana", que é uma das músicas mais belas! O Roberto Martins gosta demais e fala também que ela está entre as não sei quantas melodias mais bem compostas, de sempre! Não sei onde ele buscou isso, mas dá para acreditar! Então a gente vê essa atitude de assumir cantar para os bombeiros, numa escada magirus, uma coisa de 25 metros, que equivale a um edifício com uma boa altura. Então, é uma catarse, é uma experiência quase epifânica, e isso é extremamente interessante e mostra, acredito, para todos os que estejam acompanhando... Ah! Tem uma coisa: para quem não conhece Santos, está a aproximadamente 70 km de São Paulo, capital, e portanto São Paulo é Planalto e tem que subir de novo e depois de ter subido com escada magirus, tem que pegar um ônibus de linha, de uma maneira assim completamente anônima, depois uma experiência impactante (usando uma palavra da moda), uma experiência que vai mexer para sempre! Entrar de uma forma discreta, solitária, voltando para casa num ônibus de linha, ainda morando num bairro distante da rodoviária. Eu fico imaginando isso...

Então, agradecendo a oportunidade que foi dada aqui pelo Hespérides, especialmente à equipe de produção, Valdemir (Silva), a Rosana (Civile), que conduziram esse encontro do qual eu muito me orgulho. Eu acho que nós demos uma pequena ideia de quem é Heloísa Castelar Petri, esperando poder ter novos encontros e novos capítulos dessa história tão emocionante, tão gratificante e tão bela. Bela é a palavra que eu usaria. Eu, com isso, me despeço e espero o próximo encontro. Muito boa tarde, muito boa noite, muito bom dia, estejamos onde estivermos. Tchau, obrigada Lolô!

HP: Obrigada a todos, todos! Se sintam beijados, abraçados, agradecidos, abençoados.

DADOS DO AUTOR

Laiana Oliveira é cantora lírica e artista vocal, dedica-se à música de concerto tradicional e contemporânea/experimental. No Theatro Municipal de São Paulo foi solista em *Von Heute auf Morgen* de A. Schoenberg, *Mass* de L. Bernstein, entre outros. Participa da programação do Theatro São Pedro como solista do projeto *Atelier de Criação Lírica*, que faz a montagem de óperas de jovens compositores e libretistas, e em recitais. Participou como cantora e compositora convidada do 23o Festival Amazonas de Ópera, como solista no concerto em comemoração aos 60 anos da FAPESP na Sala São Paulo, e do 13o Festival Internacional de Música de Campina Grande - FIMUS. Foi premiada no XV Concurso Brasileiro de Canto Maria Callas, e recebeu menção honrosa no Concurso Internacional de Canto Linus Lerner (2021). Teve aulas de vocalidade experimental com Tony Arnold no SoundSCAPE Festival, Juliet Fraser e Elaine Mitchener no Darmstadt Ferienkurse, e Sarah Maria Sun no Jonh Cage Workshop. É Bacharel em composição musical pela UFG, mestra e doutora em composição musical pela Unicamp. Criou o método *Solfejo sem Medo* de leitura musical para cantores.

Andrea Kaiser é cantora e professora de canto. Mestre em Música pela Universidade de São Paulo, diplomada em Ópera Performance pela Academia de Música de Viena e pós-graduada no curso de Formação Integrada em Canto do CEV, tem se apresentado regularmente em concertos no Brasil, Alemanha, Áustria, Bélgica, Escócia e França. Forma, desde 1999, com a alaudista Carin Zwilling, o Duo "As You Like It", especializado na pesquisa, tradução e apresentação das canções originais de cena do teatro de William Shakespeare. Também forma, desde 2004, o "Duo Materiales" com o percussionista Joaquim Abreu com quem gravou, com patrocínio do "Prêmio Petrobrás Música" o CD "Materiales - Música Contemporânea Brasileira para Soprano e Grupo de Percussão". É membra fundadora do "Núcleo Hespérides – Música das Américas", com o qual gravou os CDs "Luminamara", "Retratos de Radamés" (duplo); "Sons das Américas" (selo SESC, duplo) e "Hõnkrepjõj". Participou também do CD "A Música de Gilberto Mendes" (Selo SESC). É professora de Canto da Escola Municipal de Música de SP desde 1994. Também lecionou canto no Instituto de Artes da UNESP (1995-1997) e na Escola de Arte Dramática da USP (1997-2015). Trabalha regularmente como preparadora vocal em diversos espetáculos teatrais.

Sandro Bodilon é barítono com mestrado em interpretação musical pela Unesp e bacharelado em canto pela Faculdade de Música Carlos Gomes (SP). Participou de inúmeras montagens de ópera como solista tendo se apresentado sob a regência dos mais renomados maestros brasileiros. Possui um amplo repertório camerístico que inclui obras de múltiplos compositores com especial interesse na canção erudita brasileira. Atuou em diversos grupos musicais tais como: *Brasilessentia* (música colonial brasileira), *Il Dolce Ballo* (música barroca e renascentista) e *Orquestra de Câmara Paulista* (música brasileira do século XX), vindo a registrar em CDs alguns destes trabalhos. É integrante do Coral Lírico do Theatro Municipal de São Paulo com o qual também tem se apresentado como solista em várias produções.

Maria Emilia Moura Campos foi aluna de piano de Souza Lima, Sebastian Benda, Gilberto Tinetti e Vera Astrachan. De sua experiência como camerista valeram-lhe os prêmios, entre outros, de Melhor Pianista Acompanhadora do III Concurso para Instrumentos de Cordas de Juiz de Fora, e do IV Concurso "A canção de câmara brasileira" realizado pelo Centro de Música Brasileira de São Paulo. É integrante do Núcleo Hespérides - Música das Américas e professora e pianista correpetidora da EMESP-Tom Jobim e da Escola Municipal de Música de São Paulo. Foi pianista do Coral Lírico do Theatro Municipal de São Paulo por muitos anos.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.